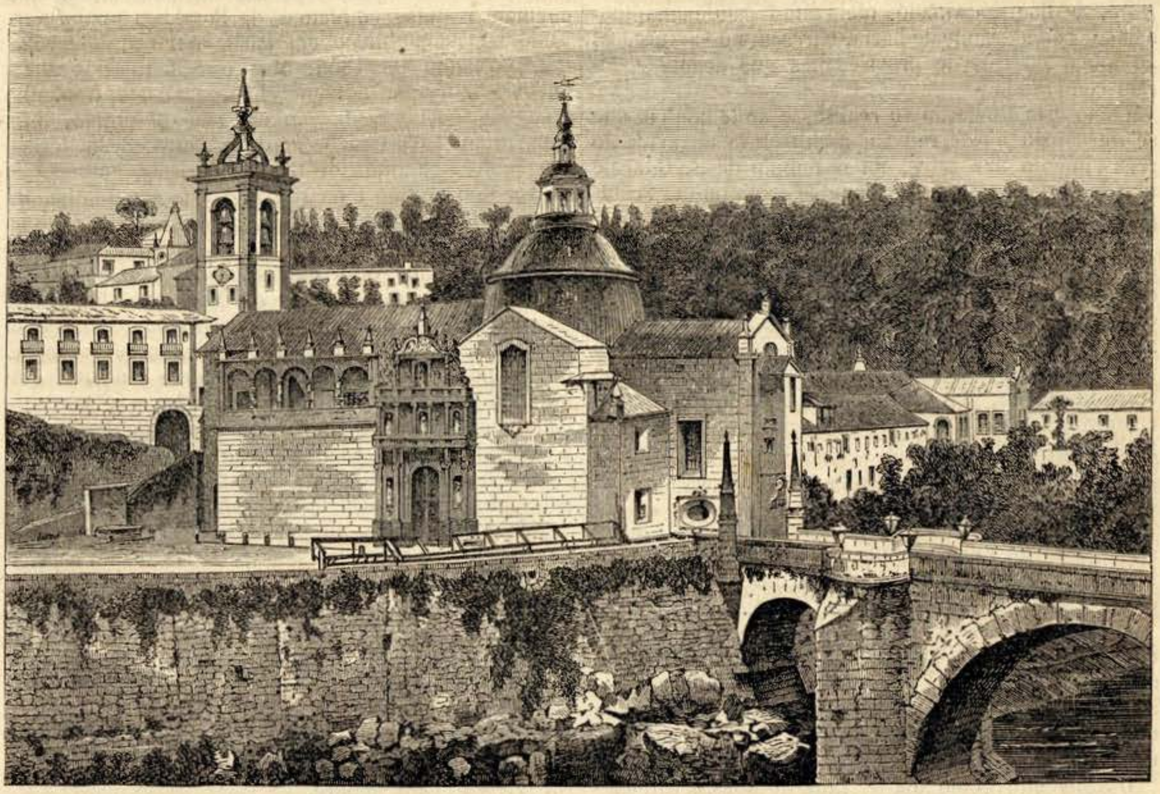


Convento de S. Gonçalo em Amarante

Quando a pag. 286 do volume VII tratámos da pittoresca villa de Amarante, que se mira nas cristallinas aguas do Tamega, gentilmente sentada no seu throno de perennes verdores, promettemos publicar em gravura a vista do templo e convento de S. Gonçalo. Desempenhâmo-nos hoje d'esta promessa.

Pelo que então escrevemos, sabem os nossos leitores como S. Gonçalo escolheu para fazer vida eremitica um sitio solitario e pedregoso, sobranceiro ao rio Tamega, onde edificou uma ermidinha consagrada á Virgem Maria. Sabem como este piedoso varão attrahiu a si o amor e veneração dos povos de muitas legoas em derredor; e como, levado do seu espirito caridoso, construiu com as suas proprias mãos uma ponte sobre o Tamega, e por baixo da ermida, para commodidade do publico, e evitar os perigos e desgraças que succediam aos viandantes na passagem do rio a vão. Sabem, finalmente, como por morte do santo a sua sepultura se tornou um logar de peregrinação dos fieis; como aquelle ermo se viu de improviso constantemente povoado; e como d'esta concurrencia de gente de todas as classes e condições nasceu a villa de Amarante.

No mesmo artigo acima citado démos uma noticia historica do convento da ordem dominicana, erigido em 1543 por devoção popular, e com auxilio del-rei D. João III, no proprio logar onde vivêra e fallecêra S. Gonçalo, a quem foi dedicado o templo, ficando-lhe a servir de uma das suas capellas a antiga ermida em que o santo jaz. Accrescentâmos agora áquella noticia mais algumas particularidades.

Muitos annos antes da fundação planearam os habitantes de Amarante honrar a memoria do seu antigo bemfeitor, levantando uma egreja sumptuosa de modo que lhe ficasse dentro a ermida com o sepulchro do santo.

Em 1540 esforçaram-se o mais possivel para realisar estes pios desejos; porém a situação da ermida, quasi pendurada das rochas sobre o rio, e a elevação de um monte, erîçado de rochedos graniticos, a cavalleiro da ermidinha, offereciam tantas e taes difficuldades á obra projectada, que os devotos mais animosos esmoreceram, e, se não desistiram do seu proposito, viram-se obrigados a adial-o, esperando por occasião mais propicia.

Não tardou muito a deparar-lhe a Providencia o ensejo suspirado. Os frades do convento de S. Domingos de Guimarães, onde S. Gonçalo professára, sabendo das diligencias em que andavam os moradores de Amarante, e dos obstaculos com que luctavam, pediram a el-rei D. João III que, attenta a sua grande affeição á ordem dominicana, quizesse concorrer para se fundar um convento d'esta ordem na dita villa e logar da sepultura do santo. Annuiu o monarcha ao pedido, e começou os auxilios enviando um architecto da corte para traçar a planta do edificio, e dirigir os trabalhos da construcção de maneira que se alcançassem os fins desejados.

O elegante chronista da ordem de S. Domingos descreve nos seguintes termos as difficuldades do terreno que o architecto teve de vencer: «Ficou o monte talhado a prumo, tanto até ás entranhas e centro d'elle, que corre toda a egreja a olivel com a sepultura do santo; e além de todo o comprimento d'ella, que é grande, faz no mesmo andar uma boa rua, entre a porta principal e a rocha, que dá serventia para a portaria do convento. Mas aqui se mostra e é de ver o muito que se alcançou com a força e mãos dos homens; porque sóbe a rocha talhada e direita para o ceo, como se fôra um muro de uma só pedra; e em tanta altura, que senhoreia todo o convento e o mais alto ponto do telhado da egreja. Ficou o convento com

dois claustros e suas fontes; obra bem feita mas moderada em grandeza, como convinha para em terra fria, e pela baixeza do sitio ser sujeita a grandes nevoeiros e humidades. Os dormitorios, ao mesmo respeito, de bom gasalhado, mais que fausto e sumptuosidade; cerca grande de horta, e frescura de arvoredos, ao longo do rio, de propriedades que depois se foram comprando.»

Como esta fundação se realisasse ao tempo em que se introduziu n'este reino a architectura chamada do renascimento das artes, foi o templo de S. Gonçalo um dos primeiros edificios que se erigiram em Portugal n'este estilo de architectura.

A frontaria do templo é de um gosto pesado, e de fórmas pouco esbeltas, mas é rico, pois que, dividindo-se em tres corpos, são decorados com dez columnas e com seis estatuas, dispostas duas no corpo inferior, ao lado da porta principal; tres no do centro, e uma no superior. Esta fachada fica ao lado da capella-mór, correspondendo, por conseguinte, a porta principal ao cruzeiro. A parede do corpo da egreja, que se prolonga com a dita fachada, é toda aberta na parte superior em uma formosa galeria de cinco arcos, divididos por seis cariatides.

O interior do templo não tem magnificencia, a não ser a obra de talha doirada que lhe guarnece os altares. N'este genero de ornato é mui rica a capella onde se acha o sepulchro de S. Gonçalo.

É muito concorrido de romagens este templo, principalmente no dia 10 de janeiro, em que se festeja o seu orago com muita solemnidade. É ainda ao presente um dos sanctuarios mais populares da provincia do Minho. Serve esta egreja de parochia, e conserva-se em muito bom estado.

O convento, como diz fr. Luiz de Sousa, é moderado na grandeza. Na architectura tambem é modesto. Estende-se pela cérca, cujos muros são banhados pelo Tamega. Pela extincção das ordens religiosas estabeleceram-se n'elle diversas repartições publicas.

A nossa gravura é cópia de uma photographia do sr. Seabra. Ácerca da ponte, da qual a mesma gravura mostra uma parte, e a respeito da primitiva, construida por S. Gonçalo, veja-se o que escrevemos no vol. e pag. que citámos no principio d'este artigo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CONSTANTINO

(REI DOS FLORISTAS)

(Vid. pag. 38)

Gloriosas conquistas do talento e do trabalho! O obscuro recruta de 1820, engeitado pelos parentes, repellido e esquecido pela terra que o vira nascer, agora, volvidos trinta annos de fadigas e peregrinações, é alli mesmo recebido com acclamações; todos á porfia o querem conhecer; os genealogicos traçam-lhe arvores de costado guindando-lhe a ascendencia; esquartelam-lhe brazões; dão-lhe remota linhagem, porque um rei, ainda que seja de floristas, quer a vaidade mundana que tenha prosapia secular! Mas não foi pelos meritos da sua estirpe que a França conferiu a Constantino o sceptro da arte que elle professa, foi pelas suas obras.

São já infinitos os exemplos de que a nobiliarchia moderna não necessita de avós para blasonar os seus escudos, porque o talento e o brio não se recebem de juro e herdade como a fidalguia antiga; qualquer plebeu póde subir ao primado das maiores honras, sem outros pergaminhos que os titulos da sua superioridade nas sciencias, nas artes, na industria.

Constantino trouxe de Moncorvo um archivo de genealogias, que o entroncavam nas principaes casas da nobreza do reino, desde o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e lhe davam direito a dezoito appellidos, e a carregar o escudo das suas armas com os mais vestutos emblemas da heraldica peninsular. Tudo isto se publicou em Paris, n'um grande volume, no anno de 1854. Mas este fabulario nunca chegará a apagar o nome chão de *Constantino*, que por esse é elle conhecido em todo o mundo, e os seus diplomas artisticos não tem outro. Se a França lhe conferiu o titulo de rei dos floristas, contente-se de ser Constantino I na sua arte. Isto é o que hão de dizer os futuros paleographos, que valem mais que os Lafontaines da genealogia.

Documento de valia e nobiliario, mais que todos quantos Constantino trouxe de Moncorvo, foi a acta da camara municipal que já transcrevemos. Ahi, n'essa honrosa pagina dos annaes do municipio da sua terra, tem o nosso grande artista um padrão indelevel que muito o ennobrece, e de que póde ufanar-se sem vaidade nem censura. N'elle se reconhece que dera honra á sua patria, pela reputação européa que adquirira; e não ha maior fidalguia que dar renome á patria pelos proprios feitos e não só pelos avoengos.

Nos poucos dias que se demorou em Moncorvo, Constantino recebeu dos seus patricios toda a especie de testimunhos de affecto e consideração.

A despedida foi não menos solemne que a recepção. A camara e os notaveis do concelho assistiram com o nosso artista a uma missa cantada na egreja matriz, para que o Omnipotente lhe concedesse prospera viagem.

Constantino deixou uma larga esmola aos pobres da sua terra, e prometteu que alli, entre os seus, viria repoisar para sempre.

Regressando a Paris, por terra, demorou-se alguns dias em Madrid, onde teve a honra de ser recebido pela rainha de Hespanha, e pelas mais pessoas da familia real. Por essa occasião foi apresentado á condessa de Montijo e a sua filha, a condessa de Teba, hoje imperatriz dos francezes, que residiam no palacio de Caramanchel, a uma legoa de Madrid.

Assim que chegou á sua fabrica, foi recebido com demonstrações de jubilo e cordialidade por todos os seus obreiros; e desde logo começou os trabalhos para a exposição de Londres em 1851. N'elles empregou sete mezes, e todo o pessoal da sua officina, que se compunha então de sessenta e duas pessoas.

Orçaram as despezas que fez n'esta exposição em 119:235 francos (11:462$300 réis), entrando o aluguer de armazem e residencia em Londres, durante dez mezes, a 1:200 francos por mez.

Logo que se abriu o palacio de cristal, todos concorreram a admirar a exposição de Constantino. Estava alli patente, n'um vergel das mais raras e mimosas plantas, flores e arbustos, todo o poder da arte, todo o esforço do genio, vinte annos do estudo da natureza, um dispendio de grande cabedal, para que a França e Portugal avassallassem todas as outras nações n'este ramo.

O jury coroou dignamente os esforços do artista portuguez conferindo-lhe a grande medalha, depois de o ter proclamado como o primeiro de todos os floristas.

Os jornaes de Londres, e os correspondentes dos de Paris, exaltaram com extremos louvores os trabalhos de Constantino, e referiram as honras que lhe fizeram os soberanos e principes estrangeiros.

Mencionaremos algumas, por serem tão gratas ao nosso artista, como honorificas para Portugal.

S. A. a duqueza de Orleans, acompanhada de mr. Thiers e outros ex-ministros de Luiz Filippe, indo visitar a exposição de Constantino, que ella conhecia de Paris, depois de o ter felicitado, disse:

«Espero, sr. Constantino, que a França recompensará dignamente o vosso grande talento e os immensos sacrificios que tendes feito para a representar aqui tão gloriosamente.»

A rainha Maria Amelia, protectora de Constantino, foi por vezes admirar e louvar as flores que elle tinha na exposição.

A rainha de Inglaterra, acompanhada do principe Alberto; do rei e da rainha da Belgica; do principe real e da princeza da Prussia; das duquezas de Kent e de Cambridge; do duque de Wellington, etc.; querendo manifestar a Constantino a admiração que lhe causára a belleza das suas flores artificiaes, dirigiu-se a elle, e disse-lhe:

«Ha dias que desejo fallar-vos. Conheço-vos ha muito de reputação. Queria dizer-vos que admiro o vosso talento, e tive grande prazer de examinar os vossos magnificos trabalhos.

«Para mim, é o que acho mais bello n'esta exposição. Os diamantes quasi todos tem defeito; as vossas flores não tem nenhum.»

N'outra occasião, indo a mesma soberana, com o principe Alberto e o seu sequito, visitar a exposição hespanhola, que ficava junto da galeria portugueza, onde se achava Constantino, dirigiu-se elle á rainha dizendo:

«Peço a vossa magestade a graça de permittir que eu lhe mostre a exposição dos meus compatriotas. Posto que resida em França ha dezoito annos, amo sobre tudo o meu paiz, e o meu coração será sempre portuguez.»

A rainha annuiu, e deteve-se muito tempo a examinar os nossos productos.

Constantino concorreu tambem para realçar a exposição de Portugal em Londres.

Tendo sido convidado pelo sr. conde de Thomar, então presidente do conselho de ministros, para tomar parte na exposição dos productos portuguezes que se deviam remetter para Inglaterra, Constantino hesitou, por ser já expositor de Paris; mas, por impulso de amor patrio, annuiu ao convite por uma carta que foi publicada e applaudida pelos jornaes de Lisboa.

Era necessario, porém, que as flores viessem primeiro a Portugal, e não havia tempo para satisfazer a este requisito.

Constantino tinha já declarado á commissão real de Paris que remetteria para Londres dez caixas. Não era permittido augmentar este numero, e só n'essas se podiam metter as flores para a exposição portugueza, que ainda não estavam sequer começadas, e faltavam apenas seis semanas para findar o praso da remessa.

Ainda mais. A mesma commissão real de Paris tinha declarado que nenhum operario podia trabalhar senão para a exposição do seu proprio paiz.

Constantino porém, em desempenho da promessa feita ao governo portuguez, rompeu todos os obstaculos. Chamou os seus operarios, e, debaixo de segredo, declarou-lhes que haviam de fazer as flores que tinha promettido para a exposição portugueza. Augmentou-lhes o salario; trabalharam dia e noite, e em cinco semanas estava tudo concluido.

Em oito caixas enormes metteu Constantino toda a exposição franceza; e em duas mais pequenas as flores para a exposição portugueza.

Foi por este modo astucioso que elle fez nas dez caixas ambas as remessas.

Logo que tudo chegou ao palacio de cristal, Constantino pôde ardilosamente transportar da secção de França para a de Portugal as flores e a estufa.

Tal foi o modo engenhoso por que o nosso artista contribuiu, tão briosamente, para realçar a collecção de productos que enviámos áquelle portentoso alardo da actividade universal.

E não parou aqui o seu empenho, para que Portugal se apresentasse dignamente no concurso em que pela primeira vez entrava com todas as nações. Vendo que os productos que para alli tinhamos enviado estavam mal dispostos, confundidos e sem facil accesso ao exame do publico, pediu e obteve permissão para alterar tudo, no que dispendeu á sua custa mais de mil francos, e oito dias de trabalho.

A mudança foi tão completa, que indo a rainha de Inglaterra visitar por segunda vez a exposição portugueza, perguntou se tinham chegado novos productos de Portugal!

Durante a sua estada em Londres, Constantino alugára magnificos salões em Regent-Street, para a venda dos seus artefactos, e era alli o *rendez-vous* da aristocracia européa. As familias reaes de Inglaterra, França, Russia, Belgica, Prussia, etc., alli foram admirar e adquirir por alto preço os primores da arte floristica, em que o nosso compatriota excelle por modo assombroso.

Encerrada a exposição, recebeu elle a summa recompensa de tantas fadigas, o supremo galardão do seu merito, o unico premio de tantos dispendios. O jury conferiu a grande medalha ás flores artificiaes de Constantino. Segunda vez o proclamou *rei dos floristas*, e mestre de todos elles.

Duas nações participaram da gloria de Constantino — a França, sua patria adoptiva — Portugal, a terra do seu nascimento.

Tal é o cosmopolitismo do talento, que afama não só o paiz natal, mas o seculo em que resplandece!

Regressando a Paris, Constantino recebeu a medalha ingleza das mãos do presidente da republica, hoje Napoleão III, na solemne distribuição que se fez na sala do circo dos Campos-Elysios.

Para agradecer aos seus operarios a actividade e perfeição com que haviam trabalhado, sobre tudo nas flores destinadas á exposição portugueza, que tiveram de fazer-se com o recato e brevidade que já referimos, Constantino deu um sumptuoso baile a que assistiu a legação portugueza, muitos dos nossos compatriotas que se achavam em Paris, e um numeroso concurso de artistas francezes.

A maior homenagem, porém, que se tem feito ao raro talento de Constantino, foi de certo o memorial que a corporação dos floristas de Paris dirigiu a Napoleão, pedindo-lhe que o condecorasse com a legião de honra.

Esquecendo rivalidades, e confessando a superioridade de um estrangeiro (raro exemplo este!), os floristas de Paris quizeram que a sua corporação fosse honorificada pela distincção conferida áquelle que os tinha vencido, e que era o primeiro entre elles, pelo seu merito, e pelo triumpho que alcançára para a França na exposição universal de Londres.

Documento tão honroso para os artistas francezes, como lisongeiro para o nosso compatricio, merece que o traduzâmos litteralmente.

«Ao Serenissimo Principe Presidente da Republica.

«Senhor — Confiados na alta protecção que vós concedeis ás artes e á industria, os abaixo assignados, fabricantes de flores, vem solicitar da vossa munificencia a condecoração da legião de honra para um seu collega, não só artista eminente, mas tambem fundador de uma fabrica importantissima, o sr. Constantino, que obteve na exposição de Londres a grande medalha.

«Ha dezoito annos que o sr. Constantino estabeleceu em Paris uma fabrica de flores artificiaes. A esse tempo a industria das flores não excedia a tres milhões de francos; hoje passa já de quatorze milhões.

«Os abaixo assignados, representantes d'esta industria, confessam lealmente, que mui grande parte d'este notavel incremento se deve ao sr. Constantino.

«Com talento e perseverança no trabalho, este artista portuguez não só conseguiu ser em França um industrial afortunado, mas produzir os primores d'arte que lhe conquistaram a grande medalha. Obtendo o voto do jury internacional que lhe conferiu esta distincção, o sr. Constantino exaltou a nossa industria, e contribuiu tambem para a gloria de França.

«A Inglaterra tinha no palacio de cristal uma exposição magnifica de flores artificiaes. Se não fôra o sr. Constantino, a ella pertenceria a grande medalha.

«Se acaso se realisasse esta proclamação official da victoria da Inglaterra, não arrebataria ella á França este ramo de exportação, tão consideravel já, que occupa em Paris mais de dez mil operarios de ambos os sexos?

«Esta medalha conferida a Constantino, não só manteve á França, nos paizes estrangeiros, a exploração d'esta industria, mas contribuiu para augmentar rapidamente o movimento d'este nosso commercio.

«Já nas exposições francezas o sr. Constantino havia obtido os premios mais avantajados que se concediam á industria das flores. Até então nunca estes artefactos tinham sido admittidos nas classes superiores. O sr. Constantino foi quem lhes deu essa cathegoria na exposição universal de Londres.

«Foram os jurados de todos os paizes, em todas as sciencias e artes, que, avaliando as difficuldades vencidas, admirando a delicadeza, a naturalidade e perfeição das flores de Constantino, proclamaram a industria que tal produz, uma grande industria, e lhe conferiram a grande medalha.

«Os abaixo assignados, Senhor, ousam pedir-vos, que um producto francez que na exposição universal foi declarado digno do primeiro premio, tão porfiadamente disputado, e com tanta parcimonia concedido á França, seja tambem merecedor da alta recompensa creada pelo genio francez para honrar o merito.— De V. A. Imperial, mui humildes, mui obedientes e mui fieis servos.»

(Seguem-se as assignaturas dos 100 principaes floristas de Paris.)

(Continua) A. da Silva Tullio.

BRAGA

RUA NOVA DE SOUSA E PORTA NOVA

O viajante que se dirige pela primeira vez á bella capital do Minho, não precisa ter noticia dos fastos e preeminencias da egreja bracharense para reconhecer, apenas a avistar de longe, que vae entrar em uma cidade religiosa por excellencia. Assim lh'o revelam as torres e cúpulas dos numerosos templos que se elevam aos ares, cortando em toda a sua extensão a linha quasi horisontal dos mais edificios da cidade. Penetrando, porém, no interior da povoação, reconhece desde logo que a cidade cresceu e aformoseou-se sob a protecção do poder theocratico. Não ha ahi monumento ou edificio publico, construido até aos principios d'este seculo, que não tenha por timbre a cruz primacial, ou que não ostente o chapeo archiepiscopal coroando o brazão de armas do fundador.

Os arcebispos de Braga não se limitaram a deixar commemorado o seu poder espiritual, e assignalada a sua piedade religiosa, na fundação de tantos e tão ricos templos que ennobrecem a cidade; levantaram tambem honorificos padrões do seu poder temporal nos importantes estabelecimentos pios que erigiram, e na construcção de mui variadas obras de utilidade publica, ou de simples adorno da povoação.

Já temos apresentado aos nossos leitores, em diversas gravuras, evidentes provas do que acabâmos de asseverar. N'este numero offerecemos-lhes mais outro documento, mostrando-lhes uma vista da *rua Nova de Sousa*, mandada abrir pelo benemerito arcebispo D. Diogo de Sousa, no anno de 1512.

Ao aceno d'este prelado, de quem temos fallado por tantas vezes n'este semanario, exaltando-lhe as virtudes e descrevendo-lhe as obras, rompeu a cidade de Braga o estreito cinto de muros com que a apertára el-rei D. Diniz. Até ao anno de 1505, em que D. Diogo de Sousa foi assumpto á cadeira primacial de Braga, achava-se quasi circunscripta esta cidade ao que hoje se chama *as Travéssas*, que é a parte comprehendida entre a sé e a egreja de S. Thiago.

Durante os vinte e sete annos que cingiu a mitra de S. Geraldo, D. Diogo de Sousa deu um grande desenvolvimento á cidade, traçando novas praças e ruas, com que lhe augmentou consideravelmente o ambito. A rua que d'elle recebeu o nome é uma das melhores da cidade. Termina de um lado no *campo das Hortas*, e do outro na *rua do Souto*, que lhe faz continuação, e foi aberta pelo mesmo tempo em um souto de castanheiros, cuja madeira se empregou na reforma do tecto da cathedral, por occasião das grandes obras de reedificação da dita egreja, executadas por aquelle prelado.

A *rua Nova de Sousa* corre de éste para oéste. É toda guarnecida de casas de diversos andares, com as lojas occupadas por estabelecimentos commerciaes de differente genero.

Na extremidade de oéste, no logar em que a rua desemboca no *campo das Hortas*, levanta-se um bello portico a que bem quadra o titulo de *arco triumphal*. Foi construido no ultimo quartel do seculo passado pelo senado da camara, sob o pontificado de D. Gaspar de Bragança, filho legitimado del-rei D. João v. Em honra d'este principe, como senhor de Braga, se collocou o seu brazão, que é o das armas reaes coroado pelo chapeo archiepiscopal, na frente principal do arco que olha para oéste. Do outro lado corresponde ao brazão um nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Nazareth, que os visinhos festejam em 8 de setembro.

Tem o arco por ultimo remate a estatua da cidade de Braga. Estava primitivamente esta figura sobre uma mesa de pedra, que ainda se conserva no sitio das Carvalheiras, e que é uma lapida romana, da qual faz menção D. Jeronymo Contador de Argote nas *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, tomo I, n. 390. D'esta mesa foi mudada a estatua para o meio da arcada do campo de Sant'Anna [1], antes de se edificar o templo de Nossa Senhora da Lapa. Por causa d'esta obra foi transferida d'alli em 1757 para o lado do norte da mesma arcada. Passados annos, concluido o arco da rua Nova de Sousa, foi a estatua novamente mudada para cima d'elle.

Chama-se este arco *porta Nova* por ter sido edificado no mesmo logar em que existíra uma porta dos muros da cidade do dito nome. Esta porta foi obra do arcebispo D. Diogo de Sousa, quando mandou abrir aquella rua.

A porta antiga era de menores dimensões, e da parte de dentro, isto é, do lado de éste, que olha para a rua, tinha uma capella ou oratorio com uma imagem de Nossa Senhora da Boa Nova, e n'ella erecta uma confraria, a qual, quando se demoliu a porta antiga para se construir a actual, foi incorporada na irmandade de Nossa Senhora a Branca; e a imagem foi trasladada para a capella d'esta irmandade, situada no campo da mesma invocação, e que na sua origem fôra fundada pelo citado arcebispo D. Diogo de Sousa [2].

O portico actual é considerado como a porta prin-

[1] Vid. a gravura a pag. 49 do vol. IV.
[2] Vid. pag. 332 e 333 do vol. VII.

cipal da cidade. Por esta razão é por aqui que fazem a sua entrada solemne os arcebispos; e junto d'elle a camara faz a ceremonia da entrega das chaves da cidade. O mesmo se pratica na entrada dos soberanos.

A nossa gravura é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra.

Aproveitâmos a occasião de fallarmos da cidade de Braga para emendarmos um erro em que caímos a pag. 49 do vol. VI, dando como existente no campo de Sant'Anna da mesma cidade a ermida d'esta invocação, edificada pelo prelado acima referido. Esta ermida foi ha muito demolida; e a irmandade de Sant'Anna, como a do Senhor dos Passos, que da egreja do Populo tinha sido mudada para alli, foram primeiramente para a egreja de Nossa Senhora da Lapa, e d'esta para a de Santa Cruz [1].

Da antiga ermida de Sant'Anna resta o lindo portal gothico, que existe em uma travéssa que vem desembocar no campo do mesmo nome, servindo de porta de um quintal.

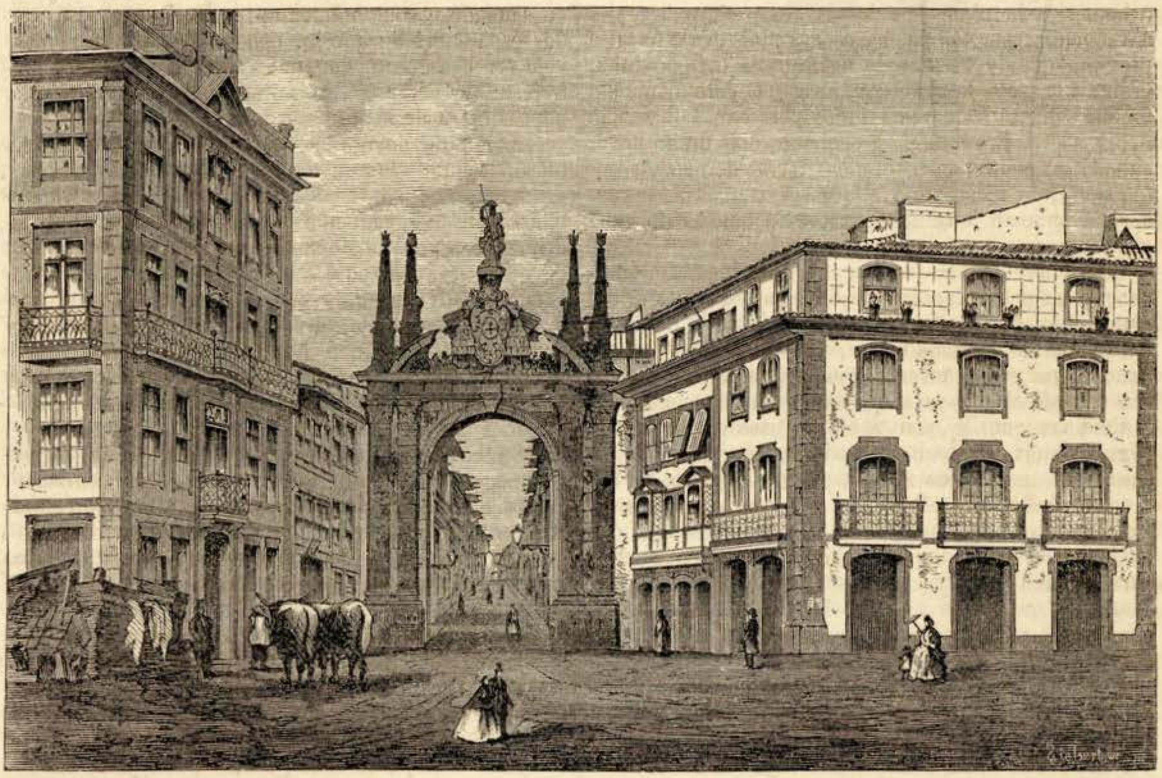
I. DE VILHENA BARBOSA.

HISTORIA DE UMA MEDALHA PORTUGUEZA

(Conclusão. Vid. pag. 158)

VII

O *Angrense* referiu o acontecido. A imprensa toda reproduziu a noticia, chegando ao conhecimento da Real Sociedade Humanitaria do Porto, sempre attenta para recompensar os actos de heroicidade.



Rua Nova de Sousa e Porta Nova, em Braga

Entretanto, Genovinha recobrava os sentidos, e ia cada vez a melhor.

Antonio tinha voltado á villa. Fechado sempre em casa, chorava amargamente a perda d'aquella affeição dos primeiros annos, a mimosa Genovinha, perdida sem remissão, perdida por culpa sua e dos seus arrebatamentos, perdida — como elle dizia — sem mais nem mais, sem mais aquella que as bocas do mundo!

Ora, uma tarde, entrou-lhe por casa dentro a audaciosa mergulhadora que salvára a infeliz amante, a senhora Sabina Eugenia.

Virou-se para elle, poz galhardamente as mãos na cintura, e disse:

— Ó Antonio, que é isso, homem?

— Deixe-me cá vossemecê com a minha vida, que não são poucos os trabalhos, não.

— Tu estás doido, rapaz! Anda d'ahi vêl-a, Antonio! Que assim Deus te perdôe e mais a mim, como ella te ha de perdoar o mal que lhe fizeste. Valha-te Nossa Senhora do Carmo!

E travando-lhe do braço, arrastou-o comsigo até á cabeceira da enferma. Antonio caiu de joelhos e desatou n'um chorar afflictivo. Genovinha chorava tambem, mas eram lagrimas de alegria, como as de seus paes, que lhe estavam á cabeceira. Sabina Eugenia era só quem não chorava. Quando lá muito bem entendeu, pegou em si e disse:

— Componham-se... componham-se... que é o melhor. Tanto chorar é coisa que não faz bom cabello!

Genovinha enxugou o rosto e disse para o desgraçado moço:

— Tu não foste o culpado da minha desgraça, Antonio. Essas lagrimas são outros tantos annos de vida que tu me fazes perder. Eu não tenho que te perdoar. Quem tramou tudo isto foi o mundo. Perdoemos-lhe ambos para que Deus nos perdoe tambem os nossos peccados.

E ficou banhada em lagrimas.

— Fallaste bem, rapariga! — exclamou a mulher forte.

E voltando-se para Antonio:

— Vós não dizeis nada? Sois mesmo um mólho de palha! Estaes para ahi tão calado que nem que estivesses á missa!

— Pois eu que hei de dizer?... — exclamou Anto-

[1] Vid. pag. 105 d'este volume.

nio. Eu antes queria morrer que vêl-a assim... esta joia!

— Vossemecês não querem ver?! — tornou Sabina. Forte aborrecido! É perciso metter-lhe as coisas pelos olhos dentro. O que ella quer agora é ver-te esperto, esperto como um alho, rapaz!

— Elle assim será...

E lançou a vista a furto para a enferma, que sorria docemente.

N'esse momento lançava ancora no porto de Angra uma embarcação portugueza. Apenas visitada, espalhou-se logo que trazia um grande presente para Sabina Eugenia.

Era a medalha de prata, diploma e brincos de oiro, que a Real Sociedade Humanitaria enviava para recompensa da varonil coragem de Sabina Eugenia. Cuidou logo o governador civil do mais apparatoso modo por que se havia de conferir a justa distincção á homerica heroina.

Coincidia, por felicidade, e para mais ar de festa, a proximidade do casamento de Antonio e Genovinha, promovido pelo fidalgo que levára o dote n'aquella manhã em que a maldade pretendêra empeçonhar tão nobre acção. Era uma casa pequena, mas muito nova, situada ao centro de magnificas terras de pão. Assentou-se que o mesmo dia allumiasse ambas as festas, aproveitando-se a coincidencia, a instancias do morgado.

Que differença elle faz de então para hoje! Que mudanças n'aquelle caracter ainda generoso, mas já um pouco ruimmente aprosado! Quem me havia de dizer, ha seis mezes, quando o vi, passados cinco ou seis annos, que era o mesmo homem aquelle! Deixou o ceo das idealidades para entrar na realidade da vida.

Uma vez que lhe pedi o album para seguir a cada pagina os progressos da sua penna, respondeu-me assim: «Tu ainda estás lá com phantasmagorias na cabeça, mas has de cá vir dar, como eu, ao positivismo da vida. O album não sei se ainda terá algumas paginas. Tenho desfeito aquelle emplastro em buchas para quando vou caçar. Já se me acabaram as iras contra a sociedade. Chamei-lhe tola e muita outra coisa feia, mas, no fim de contas, vim a conhecer que o tolo era eu.»

Raiou esplendido o sol d'aquelle dia. Dia de nupcias!... Dia como não ha outro, e que mais não volta se vem uma vez! Dia em que se travam lagrimas com risos; e se entretecem capellas de boninas e saudades; esperanças com receios se entrelaçam; cuidados, pezares, alegrias e vaidades... tudo! Que tudo vem como invejoso de tanto amor, a querer empanar o sereno esplendor de tão inexprimivel felicidade! E para ricos e para pobres. Dia para todos!

Das cercanias de S. Sebastião correu muito povo a presenciar a festa. Viam-se ranchos de homens e mulheres com muitas crianças, a todo o instante. Passavam na estrada e entravam na villa, cantando ao som de viola, que tocador chibante vibrava com muita melodia.

Lá muito ao longe, os echos dos montes e dos valles repetiam as toadas d'aquelles cantares singelos, e por toda a parte concertavam admiravelmente com a formosura dos prados, com os canticos das aves, e com as musicas das arvores e das ondas.

VIII

Da cidade partiu logo pela manhã numerosa cavalgada. Era o governador civil com os seus convidados, o morgado com os seus amigos, que iam admirar a acção cavalheiresca, em quanto elle com a sua consciencia consolava o pezar de perder um anjo.

No municipio foram entregues á tia Sabina a medalha, o diploma e os brincos de oiro, recitando o governador civil por essa occasião um breve discurso, em que se exprimiam votos de agradecimento á Sociedade Humanitaria, e os louvores devidos á boa acção de tão prestante mulher.

E em seguida foram todos para a egreja.

Os sinos tilintam alegres, e o povo canta no meio do rumor geral. Mão invisivel entornou sobre o templo uma cornucopia de flores. Brilham com a luz do sol os verdes e escarlates de tantos ramilhetes. Todos os semblantes riem, todos os olhos fallam! É tudo alegria, tudo expansão e delirio.

E Genovinha?

Ai! não me fallem d'ella, que a não quero ver! Diz-me o coração que a pallidez das faces, desbotadas pelo abalo de tantas sensações, lhe inquadra agora ainda melhor o rosto na pretidão dos seus cabellos! Devem chorar e rir aquelles olhos em que se espelha o ceo e em que a alma se banha n'uma luz mixta de saudade e contentamento que eu sinto, que em redor espalham! Se a vejo, não me tenho que não inveje ser o Antonio, que não cabe em si de contente! E festa de tão angelica pureza não a deve macular nem sombra de sentimento mau.

Repicou de novo o campanario. Estão unidos por toda a vida e choram todos de alegria, noivo, paes, prior, morgado, e até Sabina Eugenia! Havia só uns olhos que choravam mais que nenhuns outros. E lagrimas eram essas de muito amargurado pezar; dor de uma separação para sempre. Punha compaixão ver aquelle rosto que tanta mágoa exprimia! — Era a irmã, a criancinha do adro.

Ao sair da egreja, fechou logo o povo em apertado circulo a tia Sabina, toda secia com a sua medalha e os seus brincos. Queriam todos ver a offerta; de tudo queriam dar fé. Era uma anciedade por demais.

Se ella conseguia escapar-se de uma roda, formava-se immediatamente outra, e após essa milhares. Todos lhe botavam cantigas, e até alguns invejosos chegaram a murmurar que ella desprezava o povo, porque lhe fugia, e a perguntar-lhe se já se tinha na conta de fidalga.

Sabina Eugenia respondia, gesticulando altivamente:

«Assim me Deus salve que não foi lá por honras que me botei ao mar! Mas regala-me cá por dentro ver que ainda ha senhores capazes e amigos dos pobres.»

ALBERTO TELLES.

O FOGO

(Vid. pag. 113)

IV

CHAMMA

Incendiemos um bocado de carvão de pedra ou de madeira, um bocado de phosphoro, enxofre, ou uma vela de cera, de estearina, ou o gaz ordinario da illuminação, o gaz hydrogeneo, etc., e immediatamente veremos apparecer o fogo com uma chamma mais ou menos brilhante. Não haverá, pois, fogo sem chamma? será a chamma um caracter essencial do fogo? Basta ter olhado com attenção para o coke que frequentemente arde nas nossas cozinhas para dizer que não. O coke arde sem chamma. Outros corpos estão no mesmo caso, por exemplo o ferro. Com effeito, tomemos uma espiral de fio muito delgado de ferro, tendo na extremidade um pequeno fragmento de isca accesa, introduzamol-o n'um frasco de vidro cheio de oxygeneo sêcco e puro (fig. 5); immediatamente veremos o ferro arder vivamente, combinando-se com o oxygeneo, e, projectando-se em mil estilhaços de chuva de fogo sobre as paredes do frasco, produzirá a sua fractura; porém, apesar da sua vivacidade, a combustão não nos apresenta chamma.

Que será, pois, a chamma? É um gaz em combus-

ção. Todas as vezes que os combustiveis se não vaporisam ou se não decompõem, dando logar ao desenvolvimento de algum gaz combustivel, não ha chamma; tal é o caso do coke, do ferro, etc. O carvão de pedra arde com chamma porque, pela acção do calor, desenvolve gazes combustiveis; no mesmo caso se acha o carvão vegetal, a madeira, a cera, o cebo, o azeite, o alcool, etc.

O phosphoro arde com chamma porque, pela acção do calor, se vaporisa facilmente; o mesmo succede ao enxofre, ao magnesio, etc. As chammas podem ter mais ou menos brilhantismo, serem diversamente córadas, e possuirem uma temperatura mais ou menos elevada. Ha chammas tão pallidas que são apenas visiveis, e, comtudo, possuem uma temperatura elevadissima; tal é a chamma do hydrogeneo. Outras, tendo temperatura menos elevada, apresentam muito maior brilhantismo; tal é a chamma do gaz da illuminação.

De que depende, pois, o brilho da chamma? Da presença de um corpo solido n'ella interposto, e que, pela grande elevação de temperatura, se torne incandescente. Com effeito, a chamma do gaz da illuminação, que se compõe de carboneo e hydrogeneo, é muito brilhante, porque elle possue uma grande quantidade de carvão, que, antes de se queimar, se depõe na chamma muito dividido, e pela grande elevação de temperatura produzida pela combustão do hydrogeneo, se torna incandescente. Se injectarmos uma grande porção de ar sobre a chamma do gaz de illuminação, o carboneo e hydrogeneo queimar-se-hão simultaneamente, a temperatura elevar-se-ha muito, porque no mesmo tempo queima-se mais combustivel e em menor espaço, mas o brilho da chamma desapparecerá, porque o carboneo não tem tempo, antes de se queimar, para se depor em estado solido no meio da chamma.

A chamma do hydrogeneo, que é um gaz simples, tem uma temperatura muito elevada, superior a 600°, mas não tem brilho algum; é apenas visivel. Se substituirmos o oxygeneo puro ao ar que alimenta a sua combustão, e que é oxygeneo misturado com azote, a combustão será muito mais viva, a temperatura tornar-se-ha superior a 2000°, todos os metaes se fundirão n'esta chamma, que, comtudo, apresenta ainda um fraco brilho. Introduzamos, porém, no meio da chamma da mistura do hydrogeneo e oxygeneo um corpo solido que possa adquirir uma forte incandescencia, por exemplo a cal, immediatamente obteremos um brilho deslumbrante, quasi egual ao da luz electrica: é a luz Drummond.

Tomemos um fio delgado do magnesio, metal que, sendo polido, tem um brilho quasi como a prata, e que, combinado com o oxygeneo, fórma este pó branco chamado magnesia, muito conhecido dos boticarios (não homœopathas), e egualmente dos amantes dos purgativos; cheguemos a ponta d'este fio metallico á luz de uma lampada de alcool ou de um bico de gaz, immediatamente o veremos arder com uma chamma brilhantissima. O magnesio vaporisa-se, e o seu vapor, ardendo, combina-se com o oxygeneo, produzindo chamma, e formando-se a magnesia, que pela alta temperatura se torna incandescente, e dá o enorme brilho que apresenta esta nova chamma descoberta por Bunsen e Roscoé no anno passado, com grande estupefacção dos Esculapios, que nunca imaginaram que a magnesia fosse elevada á categoria de luminaria. A chamma do magnesio ainda goza de outra propriedade não menos interessante: é de ter um grande poder chimico, podendo substituir a luz do sol para fazer retratos photographicos.

Ha alguma coisa mais bella e mais phantastica do que as chammas? Que vago e vaporoso apresenta a chamma de um bocado de carvalho que se lança sobre o fogo de uma chaminé! Aqui se desenham as casas vermelhas de um xadrez; alli mil traços avelludados, em quanto pequenas chammas azues correm e saltam sobre o fundo do braseiro.

Quem na sua vida, ao contemplar o poetico da chamma, servindo-se da sua imaginação como desconhecido pintor, por um artificio unico, não traçou uma vez uma physionomia expressiva respirando uma paixão deliciosa! o fogo no fogo! Desde os mais remotos tempos, que a chamma, pelo seu brilho, belleza, mobilidade e vago, é o typo favorito dos seres poeticos. Vejamos qual seja a sua estructura, e se a realidade nos tira a poesia e o prazer que sentimos em olhar para ella.



Fig. 7—Estructura da chamma

Tomemos por exemplo a chamma de uma véla de petroline, substancia que se compõe de carboneo e hydrogeneo, como quasi todas as que servem de alimento á illuminação artificial. Quando accendemos uma vela, a materia vegetal de que é formada a torcida decompõe-se, desenvolvendo-se um gaz combustivel, que arde, produzindo calor que faz fundir a substancia da vela; este liquido inflammavel sóbe pela torcida em virtude da capillaridade, e, chegando acima, decompõe-se produzindo gazes que ardem, e apparece a chamma (fig. 7).

Distinguimos na chamma 4 partes: 1.° uma parte inferior azulada junto á torcida; é onde se decompõe ou vaporisa a materia inflammavel; aqui a temperatura é elevada: 2.° segue-se uma parte escura no meio da chamma; é onde os gazes e vapores se acham sem arder por falta de contacto com o ar: 3.° uma parte extremamente brilhante, onde o carboneo se depõe muito dividido e incandescente antes de se queimar; n'esta parte afflue pouco ar, por isso só se queima o hydrogeneo, para o qual o oxygeneo do ar tem mais attracção: 4.° finalmente, uma parte exterior fracamente luminosa, que envolve a chamma; é onde se completa a combustão pela grande quantidade de ar que aqui afflue; o carboneo e hydrogeneo queimam-se completamente, e a temperatura é por isso muito elevada.

Na chamma do gaz de illuminação, que se compõe de carboneo e hydrogeneo, as partes mais salientes são a escura, e a muito brilhante onde se depõe o carboneo incandescente; se abaixarmos um papel sobre esta parte brilhante, o carboneo n'elle se depositará, traçando um circulo negro. Na chamma do gaz hydrogeneo, em que não ha corpo solido que n'ella se interponha, a parte que predomina é a fracamente luminosa.

O conhecimento que possuimos actualmente sobre a estructura da chamma é devido ás bellas investigações de Davy, e, como diz Tyndall, em logar de diminuir o prazer e a poesia com que em todos os tempos excitou os nossos olhares, a dissecção feita pelo celebre physico inglez ainda a tornou mais interessante e mais bella.

Pelo que acabâmos de dizer se vê qual o modo de augmentar o brilho das chammas. Os corpos solidos

interpostos nas chammas dão-lhes grande brilho, mas, absorvendo calor para se tornarem incandescentes, diminuem a temperatura. O mesmo effeito produzem os gazes incombustiveis quando se introduzem nas chammas, como, por exemplo, o azote misturado com o oxygeneo no ar; é assim que a mistura de hydrogeneo e ar, que é combustivel, póde diminuir de combustibilidade, e até ficar incombustivel, augmentando-se-lhe a porção de ar, e, portanto, de azote.

Nas chammas das nossas luzes ordinarias, o brilho é devido ao carvão que n'ellas se depõe antes de se queimar, e que se não queima logo por falta de oxygeneo, porque a porção d'este gaz ahi existente apenas chega para satisfazer a avidez do hydrogeneo; mas se fornecermos ar sufficiente para haver oxygeneo que satisfaça a avidez do hydrogeneo e do carboneo, queimar-se-hão ambos simultaneamente, o brilho desapparecerá e a temperatura elevar-se-ha; é o que, por exemplo, se consegue com a lampada de Bunsen (fig. 8), que consta de um tubo (t), tendo inferiormente um pequeno reservatorio crivado de orificios; o gaz de illuminação vem pelo tubo (c), e o ar entra pelos orificios do reservatorio, e, misturando-se com o gaz, caminham ambos pelo tubo (t) acima; inflammando-se superiormente, produz-se uma chamma apenas visivel, mas que possue uma elevada temperatura; a fórma da chamma póde variar-se adaptando ao tubo (t) um bico (d) em fórma de rosa. Fechando os orificios, supprime-se o ar que se mistura ao gaz, e a chamma adquire o seu habitual brilho, e a temperatura diminue.

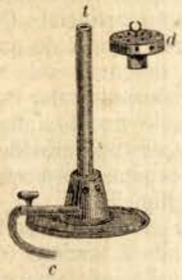


Fig. 8 — Lampada de Bunsen

Quando se quer obter uma chamma com uma temperatura elevada para trabalhos de ourives, analyses mineraes, etc., emprega-se frequentes vezes o maçarico (fig. 9), que é um tubo (a b) com o qual se sopra com a boca em (a), e o ar que sae pelo orificio (b) é injectado sobre a chamma, por exemplo, de uma lampada de alcool. O reservatorio (c) serve para condensar alguma humidade da boca quando se opera durante algum tempo.



Fig. 9 — Maçarico

Quando sobre a chamma de uma lampada de alcool se injecta um vapor combustivel, como o vapor de alcool, de essencia de therebentina, etc., a corrente de ar produzida pelo jacto de vapor activa muito a combustão a que o proprio vapor serve de alimento. Ha pequenos apparelhos fundados n'este principio, e que são denominados eolipylos. A fig. 10 representa um eolipylo de jacto horisontal; a chamma de uma lampada (L) volatilisa o alcool contido em um vaso (v); o vapor d'este alcool sae pelo tubo (t), e vae injectar-se sobre a chamma da lampada, produzindo um dardo horisontal, que tem uma temperatura elevadissima, que se póde empregar em trabalhos sobre o vidro; este dardo luminoso applicado a um pequeno vaso de folha contendo agua, faz ferver esta em poucos instantes.



Fig. 10 — Eolipylo de jacto horisontal

É sabido que o ar atmospherico diminue de densidade á medida que se acha em maior altura acima do mar, porque, sendo a atmosphera limitada e de uma altura total, que se não julga superior a 60 ou 70 kilometros acima do nivel do mar, os logares mais altos estão mais perto dos confins da atmosphera, e, portanto, a pressão e a densidade são ahi menores. Nos logares elevados sobre o nivel do mar, a pequena densidade do ar deve ter influencia sobre a combustão. Não será destituido de interesse o descrevermos aqui as observações feitas por Tyndall e Frankland em 1859, sobre o Monte-Branco, a uma altura acima do nivel do mar superior a 4000 metros.

No dia 21 de agosto, sobre o mais alto logar accessivel do Monte-Branco, Tyndall e Frankland deixaram arder seis velas de estearina durante uma hora, e com grande espanto notaram que a quantidade de materia queimada durante este tempo era sensivelmente a mesma que em Chamounix, d'onde os viajantes tinham partido na ante-vespera; mas a luz no cume do Monte-Branco tinha perdido todo o brilho; era apenas um reflexo pequeno e pallido da chamma habitual das velas. A conclusão d'estes resultados é que o poder illuminante tinha diminuido immensamente pela elevação, mas a combustão tinha-se conservado a mesma; isto explica-se pela grande subtilidade e mobilidade do ar n'estas alturas, que faz que elle facilmente penetre no seio da chamma, compensando com a rapidez da acção o seu pequeno numero de particulas ou pequena densidade.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

THEMAS CLASSICOS

Uma republica ou uma communidade, para ser bem governada, ha de ter a propriedade que tem um relogio. As rodas de um relogio de tal maneira estão temperadas e postas em sua proporção, que fazem os circulos mui eguaes; e movida uma roda movem-se as outras; e quieta, quietam-se as outras; e assim, sendo muitas em numero, na conformidade e consonancia não é mais que uma. Assim tambem n'uma republica christã todos devem ter a mesma vontade, de modo que, sendo muitos n'um corpo, sejam um só no parecer e conformidade.

FR. FILIPPE DA LUZ — *Sermões*.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio